

---

# O ofício das parteiras em Nova Esperança do Sul, RS: Relato sobre seus saberes e suas práticas

Estrabão  
V(2):32–40  
©The Author(s) 2021  
DOI:10.53455/re.v2i.4



Franciele Delevati Ben<sup>1</sup> and Natália Lampert Batista<sup>1</sup>

## Abstract

Contexto: O presente relato tem como objetivo de entender um pouco mais a respeito das parteiras e seu ofício e suas tradições, credences, práticas e costumes, pois tais são de fundamental importância para as mulheres, numa época em que os recursos médicos eram quase inexistentes. Método: A pesquisa qualitativa, foi realizada mediante entrevistas no município de Nova Esperança do Sul (NES), Rio Grande do Sul, Brasil. Resultados: O ofício de parteira marcou a territorialidade e auxiliou forjar a identidade de NES, tendo essa personagem histórica como uma das principais vias de reconhecimento do papel social da mulher no lugar naquele período. Pensar o ofício das parteiras, a luz da Geografia Cultural, nos faz entender como elas podem contribuir com a organização do espaço, bem como ressalta que conhecer personagens históricos locais, que deixaram grandes legados e fizeram a diferença na vida de inúmeras mulheres e famílias, é um ato de valorização e reconhecimento.

## Keywords

Parteiras, Nova Esperança do Sul, Geografia Cultural

## Introdução

A Geografia estuda as questões culturais mediante a corrente geográfica Geografia e Cultura ou Geografia Cultural. Conforme Corrêa (2020, p. 10), “Geografia Cultural busca tratar as espacialidades e o que advém dessa espacialidade como por exemplo: o território, a territorialidade, o espaço, o lugar, a paisagem, o poder, de acordo com concepção do pesquisador”. Além disso, o tema permite a interação das abordagens geográfica com o resgate da memória e da cultura de um lugar, forjada por diferentes forças que atuam sobre ele.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Maria

### Corresponding author:

Franciele Delevati Ben, Universidade Federal de Santa Maria  
Email: francielidelevattiben@gmail.com

Uma das perspectivas de análise da Geografia Cultural é a investigação de personagens históricos e suas contribuições ao lugar. Neste sentido, estudar a figura das parteiras em Nova Esperança do Sul (NES), Rio Grande do Sul (RS), Brasil, é relevante tema relevante para o resgate da memória do lugar e para futuras investigações da Geografia Cultural sobre o lugar. Dessa forma, conforme contam os relatos populares e entrevistas comentadas nos resultados deste trabalho, as parteiras eram pessoas muito respeitadas pelas famílias em função do trabalho que realizavam junto às comunidades. Por isso, elas foram personagens de grande importância para a construção da identidade local, onde exerciam seu trabalho com muita dedicação e aplicavam conhecimentos informais para ajudar as mulheres num momento delicado de suas vidas onde exigia cuidados específicos.

O presente relato tem propósito de mostrar o resultado de uma pesquisa de campo com o tema: “O Folclore da mulher gaúcha, as parteiras e seu ofício”, com o objetivo de entender um pouco mais a respeito das parteiras e seu ofício, bem como suas tradições, crendices, práticas, usos e costumes, pois tais são de fundamental importância para as mulheres numa época em que os recursos médicos eram quase inexistentes. Essa pesquisa

foi originalmente realizada para apresentação na 49ª Ciranda Cultural de Prendas, na fase Regional, onde um dos critérios de avaliação do concurso é a “Mostra Folclórica”, que teve como tema central “Mulheres que fizeram e fazem história no tradicionalismo” e, então, posteriormente, as entrevistas realizadas foram organizadas neste relato de pesquisa.

## Metodologia

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram adotados procedimentos técnicos como a entrevista semiestruturada, escrita à mão, onde foi feito o levantamento das informações e conversas com doze (12) pessoas (avós, tias, parentes, vizinhas, amigas, conhecidas e parteiras). Entre as pessoas entrevistadas estava o neto e a neta de uma das principais parteiras da cidade de NES, Dona Lúcia, que realizou mais de mil (1000) partos na cidade e região. Com isso, foram usadas fontes orais, documentos, artigos em periódicos para se familiarizar ainda mais com o tema pesquisado.

As entrevistas foram realizadas com a primeira autora indo até a casa das pessoas entrevistadas, conversando e explicando a finalidade da entrevista e, assim, eram realizadas as perguntas abaixo, onde se anotavam as respostas e os(as) entrevistados(as) assinavam a lista ao final.

- O trabalho das parteiras foi de grande importância para as mulheres, na hora de trazer seus filhos ao mundo, pois precisavam de pessoa de confiança para lhe dar assistência nesse momento delicado. O que você sabe sobre o trabalho de uma parteira?
- Em virtude dos poucos recursos existentes nessa área, como as parteiras desenvolviam seu trabalho?
- Esse era praticamente um trabalho voluntário. Havia pagamento dos serviços prestados? Se havia de que forma era feito o pagamento?
- As parteiras usavam muito a medicina caseira que ajudava na recuperação das pacientes e na prevenção de alguns males, tanto para a mãe quanto para o bebê. Você conhece algum desses remédios (chás ou infusões) usados para esse fim?
- As parteiras geralmente eram pessoas religiosas. Você sabe ou conhece algum ritual ou orações que elas faziam para ajudar na hora do parto?
- Antes e depois do parto havia vários cuidados a serem seguidos, quais as mais importantes?

- O relacionamento entre a parteira e paciente era feito de que forma? Havia conversas/visitas antes do parto?
- Você conhece ou conheceu alguma parteira?

## Local de pesquisa

O município de NES se localiza na Região Central do estado do RS, Brasil, conforme apresentado no mapa da Figura 1. De acordo com o último Censo do IBGE (2010), possuía uma população de 4.671 pessoas. Em suas divisas municipais se encontram os municípios de Santiago ao Norte, São Francisco de Assis ao oeste e Jaguari ao Sul (Figura 1).

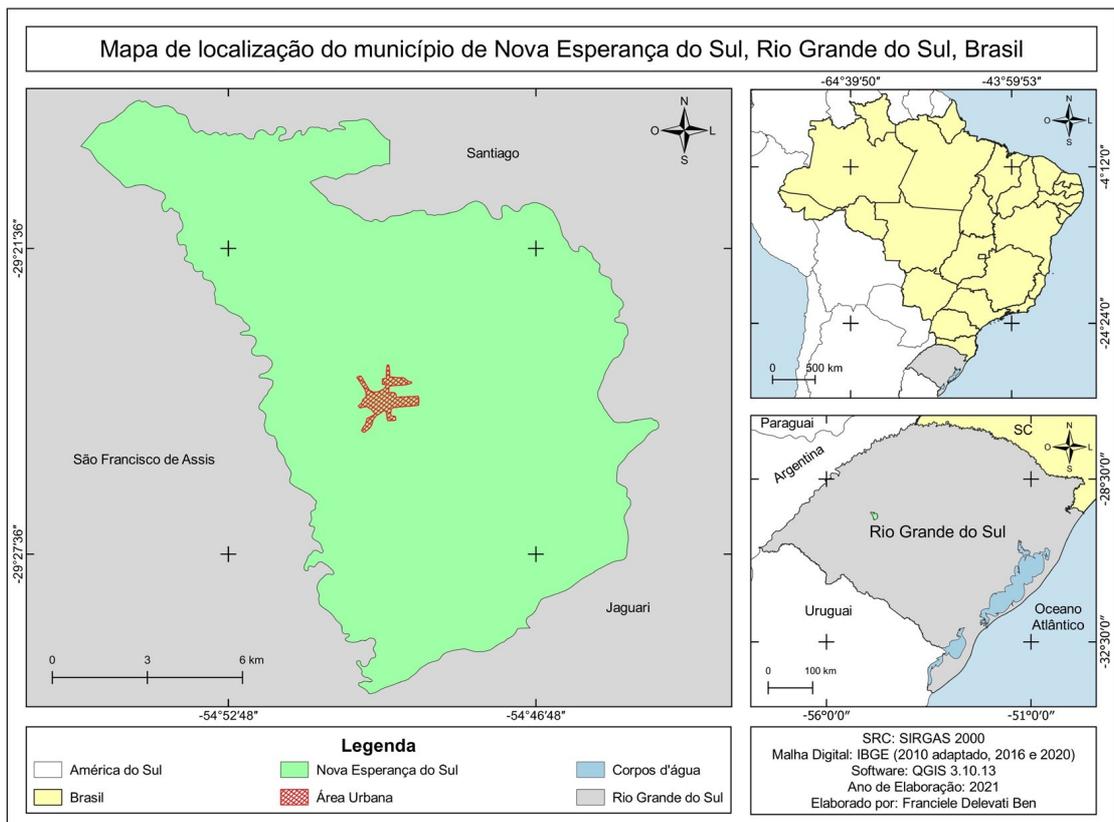


Figure 1. Mapa de localização do município de Nova Esperança do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil

## Os saberes e as práticas das parteiras

Segundo Barroso (2009), até o século XVIII, o parto era feito por parteiras ou comadres, que eram mulheres de confiança das gestantes ou com experiência reconhecida pela população na realização de partos e pós-parto, bem como que auxiliavam nos cuidados com os recém-nascidos. Esse importante figura histórica foi reconhecida por muitas gerações como fundamental a construção das identidades locais, bem como a realização dos nascimentos.

Dessa forma, NES contou com uma importante parteira, a Dona Lúcia, que trouxe ao mundo muitas vidas e, também, a parteira Catarina, que consta nas entrevistas realizadas sobre a inspiração gerada por ela ao retratá-la como uma mulher admirável e que muito contribuiu ao lugar. De acordo com Vielmo e Vielmo (2010, p. 160):

Para Dona Lúcia, assim como para qualquer outra, não existia mau tempo. Tão pronto recebesse o chamado e lá se ia ela montada em sua égua colorada trazer ao mundo mais uma criança. Quando a idade começou a avançar passou a usar uma aranha e, por último, deslocava-se de automóvel. Dona Lúcia realizou mais de 1000 partos lembrados, conforme ela declarava quando alguém lhe perguntasse.

Segundo os relatos, a parteira era uma figura respeitada por todos, seu trabalho era feito com amor, dedicação, coragem, sensibilidade e muita sabedoria aguçada, visto que sua responsabilidade era muito grande. Dela dependiam muitas vidas, para trazer ao mundo e integrar os futuros cidadãos das comunidades. A experiência lhes dava respaldo para saber como agir em momentos de dificuldades, ou seja, os conhecimentos passados de geração em geração e as vivências parto após parto, eram a fonte de seu conhecimento e, portanto, das práticas que realizada.

Ainda, destacam que também sentiam medo e estresse, visto que em algumas vezes havia o risco de perda do bebê ou morte da mãe. Assim, era um trabalho que exigia esforços e sacrifícios, pois muitas vezes faziam longas caminhadas, iam a cavalo, ou ainda de aranha, enfrentando intempéries para atender todas as mulheres sem distinção de classe social. É evidente que não podemos romantizar o ofício de parteira, todavia, é inegável a participação dessas importantes figuras históricas na construção da identidade de NES.

As avós, tias, parentes, vizinhas, amigas, conhecidas e parteiras entrevistadas relatam que elas faziam uso a medicina popular receitando seus chás tanto para a mãe quanto para o bebê, acreditam em simpatias, superstições, além da sempre protetor a oração a Santa Margarida e Nossa Senhora do Bom Parto, evidenciando a religiosidade como um parâmetro para que o trabalho do parto acontecesse sem maiores problemas.

Os relatos evidenciam que: *O trabalho das parteiras era muito importante e valorizado, porque era o único recurso que tinha. Do trabalho delas sei que faziam aquilo com muito amor, usando poucos recursos, mas fazendo de tudo para que desse certo (Ana, 2018).*

Há relatos também que o ofício da parteira consistia no acompanhamento da gestação, parto e pós-parto e era marcado por mitos, crendices e conhecimentos populares, como apresenta o Quadro 1. Algumas mulheres procuravam as parteiras durante a gestação e outras não faziam esse acompanhamento, pois não achavam necessário e então solicitavam o serviço da parteira na hora do parto e pós-parto.

Considerando os riscos decorrentes de um trabalho sem condições mínimas, o ofício da parteira é muito valorizado e reconhecido na comunidade e na região. Algumas das parteiras não sabiam nem ler, nem escrever, mas transmitem seus saberes oralmente de mãe para filha, de avó para neta ou de comadre para comadre, além de adquirirem conhecimentos sobre o corpo da mulher com a experiência vivida

Crendices e mitos durante a gestação
Evitar tomar chá de canela, pois é abortivo.
Se tiver muita azia o bebê será cabeludo.
Não cruzar a cerca de arame ou sentar na porta, pois pode enrolar o cordão umbilical no pescoço da criança.
Deveria tomar purgante para criança ter a pele limpa.
Se for menina a barriga vai estar mais à esquerda e se for menino mais para à direita.
Barriga alta e pontuda é menino, mais redonda e espalhada é menina.
Se não comer algo que desejar a criança nasce com mancha no local onde a mãe colocar a mão.
Enjoo com doce é menino, com salgado é menina.
Virar a mão com a palma para cima é menina, com a palma para baixo é menino.
Tomar café bem quente antes do parto ajuda a dar força.

**Chart 1.** Mitos, crendices e conhecimentos populares relacionados a gestação.

no dia a dia, conhecem raízes e ervas que são boas para curar doenças. Hoje elas não continuam sendo parteiras, pois não é mais permitido a realização de partos por tais figuras, ou seja:

*A retirada das parteiras do cenário público brasileiro aconteceu de forma progressiva, em nome da prática médica que vem com o discurso higienista. Esse discurso modernizador e positivista tem importância na constituição de um contexto de idéias sobre o corpo da mulher. Assim, as práticas das parteiras vão sendo substituídas, o parto se institucionaliza e o saber médico é legitimado em detrimento do saber da parteira, que se tornou nos centros urbanos, práticas do passado (BARROSO, 2009, p. 5).*

Algumas entrevistadas que foram atendidas por parteiras relatam que eram pessoas boas, tinham ótimos conhecimentos para ajudar os filhos virem ao mundo, colocavam tudo em prática com muito cuidado, capricho e com mãos delicadas fazendo serviço de médicos com muito amor e responsabilidade. Segundo os relatos, as parteiras tinham suas famílias e seus lares para cuidar, mas renunciavam a tudo para atender ao chamado de uma gestante.

Faziam esse trabalho com gosto e agilidade, pois sabiam o que estavam fazendo. Toda a parteira levava na sacola: chás para a criança e para a mãe. Utilizavam alguns instrumentos como: tesoura esterilizada no fogo, panos bem limpos, água morna, bacia ou gamela e a injeção para dor, luvas, azeite, mercúrio, álcool, linha para atar o umbigo. Como coloca o relato:

*Minha avó era parteira, sei de cuidados que ela tinha, levava sua sacola com medicamentos, tesoura para cortar o cordão umbilical, injeção para hemorragia e outros medicamentos para infecção ou dor (Mara, 2018).*

O neto de Dona Lúcia, relata que o deslocamento da parteira era feito através de cavalo, levado pelo esposo da gestante, e que os instrumentos eram levados em uma maleta de couro. Estes instrumentos eram luvas, tesoura grande para cortar o umbigo e a tesoura pequena para cortar a língua do bebê caso nascesse grudada, havia também o barbante de algodão número vinte, que era banhado no álcool para amarrar no umbigo e o mercúrio pois era cicatrizante.

*Dona Lúcia, se deslocava de sua casa até a casa da gestante, independente do endereço, pois atendia a região, pedia para que os cavalos ficassem no pátio de casa para o deslocamento ser feito mais rápido, pois ainda não existia outro meio de comunicação e transporte (Luiz, 2018).*

Sabendo que o trabalho delas era praticamente voluntário, as parteiras nunca queriam recompensa, mas as famílias das gestantes sempre faziam um agrado em forma de pagamento. Cada família recompensava com algo que estivesse dentro de suas condições para ajudar a parteira, havia pagamento em dinheiro ou com alimentos produzidos no interior pela própria família (feijão, banha, farinha, galinha crioula, ovos, queijo ou salame).

As parteiras usavam muito a medicina caseira ou popular que ajudava na recuperação das pacientes e na prevenção de alguns males, tanto para mãe quanto para o bebê. Contudo, nas entrevistas foram citadas alguns remédios caseiros e algumas recomendações que as parteiras faziam: elas recomendam tomar caldo de galinha depois do parto e para o bebê era dado chá de manjerona de desse dor de barriga, laranjeira, alfazema, endro, erva-doce, para combater o frio e infecção do umbigo da criança arruda. A paciente tomava chá queimado (açúcar, folhas de plantas medicinais e brasa por cima das folhas), para mãe também era dado chá de funcho para juntar leite. O neto de Dona Lúcia relata que ela “usava chá de maçanilha tanto para a mãe como para o bebê”.

Além disso, as parteiras geralmente eram pessoas religiosas, faziam orações na hora do parto, portanto uma entrevistada relata que era colocado o chapéu do marido em cima da barriga para a criança nascer mais rápido, outra diz que eram feitas algumas rezas como: Pai Nosso e Ave Maria. De acordo com Barroso:

*Verificou-se que os conhecimentos sobre as ervas e plantas medicinais das parteiras, são heranças deixadas por seus antepassados, e por isso seguem um ritual misturando fé, crença e sabedoria. Essa herança cultural de remédios caseiros tem credibilidade em todos os que dela fazem uso, principalmente as mulheres grávidas que utilizam os fartos recursos dessas ervas medicinais. Também é a construção de um referencial simbólico sintetizador de experiências ambíguas: inovadora e conservadora. Essa ambiguidade, de um lado, está a ideologia da conformidade e o uso de medicamentos industrializados, que levam a sociedade ao consumo extremado; de outro, a tradição, utilizando recursos da natureza, da própria cultura local e regional (BARROSO, 2009, p. 12).*

Algumas entrevistadas relatam que as parteiras pediam para o marido avisar elas até dois meses antes para elas irem se preparando. A exemplo disso, Dona Lúcia, pedia para que avisassem ela, entorno de trinta dias antes do parto, para que ela ficasse pronta para atender ao chamado. Outros relatos dizem que o atendimento não se limitava apenas ao parto, mas sim por oito dias após o parto, para auxiliar a mãe curar o umbigo da criança e ainda algumas parteiras faziam visitas frequentes às gestantes para garantir um melhor acompanhamento.

O Programa Trabalhando com Parteiras Tradicionais (PTPT) foi implantado no ano de 2000 para melhorar a atenção a gestação, ao parto, ao nascimento e ao puerpério. No PTPT consta que esse programa “recolocou a melhoria do parto e nascimento domiciliar assistidos por parteiras tradicionais na pauta de discussão com gestores estaduais e municipais, como uma responsabilidade do Sistema

Único de Saúde (SUS) e uma atribuição da atenção básica. ” Ainda no programa, as parteiras são reconhecidas como parceiras na atenção à saúde da comunidade, onde desenvolvem ações para valorizar e qualificar o trabalho ao SUS se interligando com o Ministério da Saúde para trabalhar a redução da morbimortalidade materna e neonatal. Mesmo que o ofício de parteiras não seja mais vigente, há outros semelhantes. A exemplo disso, o Ministério da Saúde também insere no PTPT a qualificação e humanização da assistência obstétrica e neonatal, **Brasil (2010)**.

No entanto, as parteiras que foram essenciais na vida de muitas pessoas no município de Nova Esperança do Sul e região não estiveram implantadas no SUS.

## **Trabalho das parteiras e a Geografia Cultural**

O ofício de parteira marcou a territorialidade e auxiliou forjar a identidade de NES, tendo essa personagem histórica como uma das principais vias de reconhecimento do papel social da mulher naquela época. Entender a importância que elas desempenhavam, bem como a relevância das práticas e dos saberes populares na sua atuação profissional reiteram a necessidade do levantamento de memórias sobre práticas sociais que não são mais efetivas no lugar, para compreendermos como elas contribuíram com a população.

Pensar o ofício das parteiras à luz da Geografia Cultural nos faz entender como as parteiras podem contribuir com a organização do espaço e com a identidade dos lugares. Conhecer personagens históricos locais que deixaram grandes legados e fizeram a diferença na vida de inúmeras mulheres e famílias é um ato de valorização e reconhecimento. Da mesma maneira que conhecer as histórias e personagens do lugar contribuem para sentimentos topofílicos, ou seja, desenvolve-se um sentimento afetivo entre as pessoas e o ambiente físico, uma vez que, como aponta Holzer (2003), topofilia é o elo de afeição que une as pessoas aos lugares.

## **Referências**

BARROSO, I. C. Saberes e Prática das Parteiras Tradicionais do Amapá: Histórias e Memórias. Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP, n. 2, 2009. Disponível em: <http://periodicos.unifap.br/index.php/pracs/article/view/34>. Acesso em: 05 ago. 2021.

Brasil, Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. Parto e nascimento domiciliar assistidos por parteiras tradicionais: O Programa Trabalhando com Parteiras Tradicionais e experiências exemplares. Brasília: Ministério da Saúde; 2010. Disponível em: [https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/parto\\_nascimento\\_domiciliar\\_parteiras.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/parto_nascimento_domiciliar_parteiras.pdf). Acesso em: 09 set. 2021.

CORRÊA, J. S. Geografia Cultural: uma breve história. Geographia Opportuno Tempore, v. 6, n. 1, 2020. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/Geographia/article/view/34824>. Acesso em: 05 ago. 2021.

HOLZER, W. O conceito de lugar na geografia cultural-humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea. *GEOgraphia*, v. 5, n. 10, 2009. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13458>. Acesso em: 05 ago. 2021.

VIELMO, D. A.; VIELMO, H. A. Nova Esperança do Sul: um relato histórico. Porto Alegre, 2010.